



REBAT

Revista Brasileira de Análise Transacional

+55 41 99551-5962

cientifica@unat.org.br

www.unat.org.br

@unatbrasil

ANO XXXI 2022

CONTRIBUIÇÃO INTERNACIONAL

A Coragem de Ser - e de Pertencer

Keith Tudor*

Resumo

Este artigo, que é uma versão revista e ampliada de um discurso de abertura da 28th Conferência da União Nacional dos Analistas Transacionais, oferece uma análise transacional de coragem. Baseando-se na literatura (Shakespeare) e na filosofia (especialmente Aristóteles e Tillich), discute tanto a coragem de ser *como* a coragem de pertencer. Considera a coragem como uma virtude que, na sua deficiência é o medo, mas no seu acesso é o excesso de confiança, e sugere formas de trabalhar com ela clinicamente. O artigo oferece uma análise baseada em Transações, Estados de Ego, *Scripts* e Jogos Psicológicos, e uma que é particularmente tratada pela Psiquiatria Radical.

Palavras-chave: Ser. Coragem. Pertencimento. Autonomia, Homonomia. Transações, Estados de Eg., *Scripts*. Jogos Psicológicos. Medo. Confiança. Psiquiatria radical.

Abstract

This article, which is a revised and expanded version of a keynote speech given to the 28th Conference of the União Nacional dos Analistas Transacionais,¹ offers a transactional analysis of courage. Drawing on literature (Shakespeare) and philosophy (especially Aristotle and Tillich), it discusses both the courage to be *and* the courage to belong. It considers courage as a virtue which, in its deficiency is fear, but in its access is overconfidence, and suggests ways of working with this clinically. The article offers an analysis based on transactions, ego states, scripts, and games, and one which is particularly informed by radical psychiatry.

Keywords: being, courage, belonging, autonomy, homonomy, transactions, ego states, scripts, games, fear, confidence, radical psychiatry

***Keith Tudor**, PhD, CQSW, Dip. Psychotherapy, Teaching and Supervising Transactional Analyst (psychotherapy), is professor of psychotherapy at Auckland University of Technology, Aotearoa New Zealand. He has a small private practice in West Auckland as a health care provider and transactional analyst. Email: keith.tudor@aut.ac.nz.

¹ Held online in Brazil, 9th–10th September, 2021.



REBAT

Revista Brasileira de Análise Transacional

+55 41 99551-5962

cientifica@unat.org.br

www.unat.org.br

@unatbrasil

ANO XXXI 2022

CONTRIBUIÇÃO INTERNACIONAL

Introdução

O tema do meu último discurso para a vossa Associação foi seguindo o tema dessa conferência, "*Conexões do cérebro ao coração: Implicações para a Análise Transacional*" (Tudor, 2019, 2020a). Em muitos aspectos, vejo o tema desta conferência conectado com seu foco na coragem. Juntamente com a maioria, se não todas as línguas Românicas, incluindo o português, a palavra inglesa coragem deriva da palavra latina cor que significa coração. O coração foi visto como a sede das emoções e, portanto, o desenvolvimento linguístico do significado da palavra também reflete e representa a nossa visão psicológica da coragem:

- 12th século CE *coragem* (francês moderno, que significa coração, sentimentos mais íntimos e temperamento);
- c. 1300 (Era Comum) *corage* (francês antigo), que significa espírito, temperamento, estado ou estado de espírito; e
- Desde o final do século XIV, *coragem* significa valor, qualidade de mente que permite enfrentar o perigo e os problemas sem medo.
- O inglês antigo também tinha a palavra *ellen*, que significava zelo e força. (*Online Etymological Dictionary*, 2021)

Ao ligar-me ao tema da conferência, notei que a descrição do tema incluía referência à Autonomia e aos recursos de Permissão, Proteção e Potência (os três "Ps" [Crossman, 1966; Steiner, 1968], sobre os quais também escrevi e apresentei (Tudor, 2007a, 2007b, 2008a; 2016a, 2021). Como alguém cujo trabalho foi influenciado e contribuiu para a psicologia da saúde, uma perspectiva que embasa a Análise Transacional Co-criativa (Summers & Tudor, 2000; Tudor & Summers, 2014), fiquei particularmente satisfeito por ver que a descrição dos eixos temáticos da conferência se referia a estimular o trabalho "com maior ênfase na saúde do que na doença e na solução do que nas dificuldades" e que se espera que o "Trabalho [apresentado] mostre como mobilizar o poder, o empoderamento e o bem-estar saudável para a Autonomia e a **coragem de ser quem você é**" (UNAT-Brasil Comissão Organizadora Científica [UNAT COC], 2021, ênfase original). Em meu pensamento e trabalho - como clínico, educador, acadêmico e ativista - tenho a tendência de equilibrar as referências à Autonomia com aquelas sobre seu antônimo, homonomia ou senso de humor, e daí o título do discurso original, e este artigo: "The Courage to Be – and to Belong".



REBAT

Revista Brasileira de Análise Transacional

+55 41 99551-5962

cientifica@unat.org.br

www.unat.org.br

@unatbrasil

ANO XXXI 2022

CONTRIBUIÇÃO INTERNACIONAL

Neste artigo, discuto o ser, a coragem e, em seguida, com base na obra do filósofo e teólogo germano-americano Paul Tillich, sobre a coragem de ser e de pertencer. Em seguida, faço uma breve Análise Transacional da coragem com referência a Transações, Estados de Ego, *Scripts* e Jogos Psicológicos.

Para ser

Quando penso neste verbo e no seu infinitivo, a minha mente vai para *Hamlet* de Shakespeare e para o famoso soliloquy falado pelo herói epônimo - ou, mais precisamente, anti-herói. Nele, Hamlet pensa em vida e morte e, ao fazer a pergunta "ser ou não ser" (Shakespeare, 1602/1985. Acto III, Cena 1, linha 56), fala de assuntos ontológicos, ou seja, da essência das coisas. Hamlet considera a vida como uma falta de poder, com o ser humano à mercê da "fortuna ultrajante" (l. 58), e que a única maneira de se opor a isso é terminar a vida: "dormir, por acaso sonhar" (l. 65). Nesta perspectiva, viver é um estado passivo e morrer um estado ativo. No entanto, para alcançar esta condição, é preciso agir na vida: "tomar armas contra um mar de problemas" (l. 59), e assim toda a proposição da pergunta original se torna circular. No final, através de algumas interessantes reflexões sobre viagens de descoberta e geografia conhecida e desconhecida, Hamlet decide que pensar demais em uma coisa impede a ação que ele sente que deve tomar. Em termos de uma abordagem do pensamento e da ação, Berne teve uma visão semelhante quando ofereceu a metáfora da lasca no dedo do pé (Berne, 1971). Para Berne, o primeiro dever do médico/terapeuta é remover ou ajudar a remover a lasca: "É assim que se pratica a terapia..., encontra-se uma lasca e puxa-se para fora." (p. 12)

Berne também reflete sobre a natureza de ser com referência ao seu jogo favorito, o poker:

Jogado adequadamente pelas pessoas certas - jogado a sério - o póquer é uma das poucas situações realmente existenciais que restam no mundo. Agora aqui está o que quero dizer com existencial: Toda a gente está por conta própria. Ninguém vai sentir pena de você. Você é totalmente responsável por tudo o que faz. Uma vez colocado o dinheiro na panela, você o colocou na panela. Não podes culpar mais ninguém. Tens de assumir as consequências disso. Não há como fugir. (Berne, 1971, p. 8)

A partir disso, podemos ver que Berne tinha uma visão um tanto individualista do indivíduo, que enfatizava a solidão, responsabilidade pessoal e autossuficiência, uma visão que tinha suas raízes no existencialismo norte-americano (como diferente do existencialismo europeu) e na psicologia do ego (Federn, 1952; Hartman, 1939/1958; Weiss, 1950), da qual Berne derivou sua teoria dos Estados do Ego. Apesar do seu interesse na estrutura e dinâmica dos



REBAT

Revista Brasileira de Análise Transacional

+55 41 99551-5962

cientifica@unat.org.br

www.unat.org.br

@unatbrasil

ANO XXXI 2022

CONTRIBUIÇÃO INTERNACIONAL

grupos (Berne, 1963, 1966), o conceito de "posições" e pessoas de Berne é baseado num "eu" individual numa relação diádica com um "tu" individual e, portanto, "eu estou bem, tu estás bem" e suas variantes, que, em AT, são frequentemente referidas como "Posições Existenciais de vida". Com efeito, Berne (1962) comenta que "os sujeitos de todas as Posições são particulares da polaridade Eu-Outros" (p. 23), formulando "Eu" como incluindo "nós" e "você" como incluindo "eles". Isto é muito diferente de uma posição ontológica que tem o "nós" como incluindo o "eu". Em um artigo investigando o conceito de Berne sobre a pessoa, Posições e "Oqueidade", e desafiando o individualismo subjacente à teoria da AT, eu argumentei que "nós somos" é a posição fundamental da vida, que reflete a realidade biológica dos seres humanos, nossas necessidades de desenvolvimento e relacionais, e nossa organização social e cultural (Tudor, 2016b). "Nós somos" representa uma "nós psicologia" (Künkel, 1984), cujo pressuposto ontológico se caracteriza pela famosa frase de Winnicott (1947/1957) "não existe tal coisa como um bebê" (p. 137), sobre a qual ele mais tarde elaborou: "Não existe tal coisa como um bebê... sem os cuidados maternos não haveria um bebê". (Winnicott, 1960/1965, p. 39, nota 1)


Na conferência, ofereci um *pepeha*, que pode ser interpretado da língua Māori como uma introdução (para uma versão anterior da qual, ver Tudor, 2020a). Nesta introdução, o orador reconhece características geográficas significativas, afiliações tribais, ancestralidade e relações, antes de dizer o seu nome. Como tal, é um exemplo poderoso de uma "nós psicologia" em ação e, além disso, uma psicologia que nomeia e realça as relações.


Nesta perspectiva, o objetivo da Análise Transacional em todos os seus campos é - ou deveria ser - tanto sobre como o indivíduo se conecta à sua tendência à homonomia (Angyal, 1941) ou sentido de pertencimento quanto sobre a sua Autonomia. Em termos de recursos, é útil, como sugeriu a COC da UNAT (2021) - e, penso eu, criativo, ligar isso aos conceitos de Permissão, Proteção e Potência, mas, mais uma vez, penso que precisamos pensar menos a partir de uma perspectiva individual e mais a partir de uma perspectiva coletiva e relacional. Isto levou ao meu artigo sobre "os três Ps" (Tudor, 2016a), no qual defendi uma compreensão *relacional* destes conceitos e como eles são cocriados em vez de serem dados, especialmente como originalmente conceitualizados, desde o Estado de Ego dos pais do terapeuta até ao Estado de Ego dos filhos do cliente.




REBAT

Revista Brasileira de Análise Transacional

+55 41 99551-5962 

cientifica@unat.org.br 

www.unat.org.br 

@unatbrasil 

ANO XXXI 2022

CONTRIBUIÇÃO INTERNACIONAL

Coragem

O conceito de coragem tem exercitado os filósofos desde que a filosofia - ou o tempo - começou. Na tradição ocidental, na alma tripartida de Platão, que compreende Razão, apetites e espirituosidade, esta última (representada como um cavalo branco na alegoria da carruagem de Platão) está relacionada com a coragem (Platão, 370 Antes da Era Comum [BCE]/1972). Em seu trabalho sobre ética, Aristóteles argumentou que "a coragem é a mãe de todas as virtudes porque sem ela, não se pode realizar as outras de forma consistente". (Aristóteles, 322 a.C./2004). Aristóteles apresentou as virtudes morais como meios entre extremos de deficiência e excesso que, no que diz respeito à coragem, são medo (*fobos*) e confiança (*thrasos*), respectivamente. Nesta perspectiva, a coragem lida com duas emoções, embora, geralmente, psicólogos e terapeutas tendam a se concentrar mais no extremo do medo do que no extremo da confiança. Uma perspectiva aristotélica é útil para ver a coragem não como a ausência de medo, mas sim como um meio, uma posição ou uma situação em que se sente medo e pode até querer fugir (ou congelar), mas é capaz de ficar ou permanecer. Na verdade, para Aristóteles, uma pessoa corajosa deve sentir medo. Campos (2012) capta esta perspectiva na sua definição de coragem de trabalho, isto é: "a força física, mental ou moral para arriscar consequências adversas ou negativas na escolha de uma linha de ação justa e responsável." (p. 212) Aristóteles também identificou dois tipos de excesso: o primeiro, a imprudência ou o destemor excessivo, e o segundo, a temeridade.

A partir daí, sugiro que precisamos equilibrar o foco na compreensão, processamento e resolução do medo e da ansiedade (existencial ou não), com o estudo e apoio ao "extremo" da confiança (ver, por exemplo, Stankov, Kleitman, & Jackson, 2015); e, após Campos (2012), para o desenvolvimento de culturas de coragem - e/ou de confiança. Em termos de AT, eu ligaria isto às qualidades aspiracionais que Clarkson (1992) associa com os Compulsores do Contra-script (Kahler & Capers, 1974; Tudor, 2008b). Aqui, reescrevo-as como qualidades ou virtudes (seguindo Aristóteles) descrevendo meios, juntamente com os seus extremos (Tabela 1).



REBAT

Revista Brasileira de Análise Transacional

+55 41 99551-5962

cientifica@unat.org.br

www.unat.org.br

@unatbrasil

ANO XXXI 2022

CONTRIBUIÇÃO INTERNACIONAL

Tabela 1. Compulsores do Contra-script como excesso de virtude, suas virtudes e deficiências

Excesso (Kahler & Capers, 1974; Tudor, 2008b)	Virtude (de Clarkson, 1992)	Deficiência
	Velocidade	
Apreste-se		Letargia
	Excelência	
Seja Perfeito		Falta de precisão
	Experimentação	
Seja Esforçado		Falta de interesse e empenho
	Amabilidade	
Agrade sempre, eu (outros)		Desagradável, de mau humor
	Resistência	
Seja Forte		Fraqueza
	Impacto	
Tome pra si		Abstenção

Fonte: o autor

A Coragem de Ser ...

A pessoa que trouxe estes dois elementos - ser e coragem - mais profusamente juntos nos tempos modernos foi o filósofo e teólogo germano-americano, Paul Tillich (1886-1965). Tanto em *The Courage to Be* (Tillich, 1952) como em *Dynamics of Faith* (Tillich, 1957), ele argumentou que as mais profundas preocupações dos seres humanos nos levam ao confronto com uma realidade que transcende nossa existência finita. Tillich é particularmente relevante para nós, e ainda hoje, como sua compreensão dos problemas pessoais e sociais foi informada não apenas por sua própria experiência, mas também por sua compreensão da psicanálise e da psicoterapia, incluindo, em 1965, um diálogo com Carl Rogers (no que seria a última aparição pública de Tillich) (Kirschenbaum & Henderson, 1990; Tillich & Rogers, 1966).

Tillich (1952) entende a coragem como "enraizada na estrutura do ser... [portanto] deve ser considerada ontologicamente para ser entendida eticamente" (p. 1). A coragem de ser é, especificamente, "o ato ético no qual o homem afirma o seu próprio ser, apesar dos elementos da sua existência que entram em conflito com a sua autoafirmação essencial" (p. 1). "(p. 3) A coragem envolve "lutar pela autopreservação ou pela autoafirmação que faz uma coisa o que ela é" (p. 21), e é um processo definitivamente virtuoso de raciocínio cuidadoso e intencional. Ainda que a vida seja ambígua, a coragem é "o poder da vida para se afirmar apesar desta ambiguidade" (p. 27). A afirmação do próprio ser envolve a aceitação do próprio fim e inevitável não-ser, daí a minha referência a Hamlet. Envolve também a aceitação do



REBAT

Revista Brasileira de Análise Transacional

+55 41 99551-5962

cientifica@unat.org.br

www.unat.org.br

@unatbrasil

ANO XXXI 2022

CONTRIBUIÇÃO INTERNACIONAL

limite, e limites, um ponto levantado por Taft (1933) em relação aos limites de tempo na terapia cerca de 20 anos antes.

Em sua revisão contemporânea do livro de Tillich, Bolgon (1954) faz uma ligação com o processo psicanalítico:

Como seres, nós existimos. É da nossa natureza querer continuar a existir. Mas também está na nossa natureza, em última análise, ir para uma escuridão que ameaça o nosso desejo de ser. Esta escuridão - morte, ou não ser - é, no entanto, parte integrante da existência. O que não existe, porém, implica existência. A negação implica a afirmação. Dito de outra forma, o não-ser é assumido no ser. A partir de uma compreensão disto, torna-se mais claro que, por exemplo, os pacientes não se livram das suas ansiedades, problemas e conflitos. Pelo contrário, como são mais capazes de se afirmar, de aceitar o seu ser, o que os afeta é tomado e mudado no processo de autoafirmação. O medo não é expulso - pois não há "lá fora" para expulsá-lo. Ele é absorvido na participação no ser, que é tudo. (pp. 127-128)

Fico impressionado com a frase de Bolgon, "tomada pra si" como me parece, pelo menos para mim, descrever o processo de integração ou integração (Berne, 1961/1975; Hartmann, 1939/1958; Glover, 1955) que está no coração do Adulto integrador (Tudor, 2003) e uma visão holística subjacente da pessoa.


... e de pertencer


Importante para o nosso interesse atual, Tillich (1952) examina "a relação de autoafirmação e amor para com os outros" (p. 22) Autoafirmação, amor e coragem não são atitudes ou atos isolados para o indivíduo, mas representam "participação no ato universal ou divino de autoafirmação" (p. 23). Assim, Tillich introduz um tema principal de seu livro: a dialética da individualização e da participação. De fato, no Capítulo 4 "Coragem e participação" e no Capítulo 5 "Coragem e individualização" de seu livro, *O Coragem a Ser*, Tillich confronta a estrutura polar básica do ser, a do eu e do mundo, argumentando que estes reinos estão interligados e se influenciam mutuamente. Assim, a autoafirmação "não é a coragem de ser como a si mesmo, mas [antes] a coragem de ser como uma parte" (p. 89), e, importante, em termos do terreno ou campo dessa coragem, "quanto mais autorrelação um ser tem, mais ele é capaz de participar..." (p. 89). "(p. 90) Embora não haja evidência de que Tillich tenha lido o trabalho de Andras Angyal, o psicólogo e psiquiatra húngaro americano que escreveu pela primeira vez sobre o termo homonomia (Angyal, 1941), o foco de Tillich no relacionamento e participação está muito de acordo com a descrição de Angyal dessa tendência humana de pertencer.




REBAT

Revista Brasileira de Análise Transacional

+55 41 99551-5962 

cientifica@unat.org.br 

www.unat.org.br 

@unatbrasil 

ANO XXXI 2022

CONTRIBUIÇÃO INTERNACIONAL

Em seu livro, *The Courage to Be*, Tillich revela o existencialismo como a forma mais radical da coragem de ser como a si mesmo, porque exige envolvimento e participação sobre uma abordagem teórica ou desprendida da vida - razão pela qual penso que precisamos equilibrar Autonomia ou autodeterminação como definição de cura e objetivo da Análise Transacional com a homonomia (ver Tudor, 2007a, 2007b, 2008a, 2021b). Dado que existem mais coletivistas do que culturas individualistas no mundo, parece importante fazer este ponto, e faço-o não só para comentar a relevância da Análise Transacional no mundo, mas também para reconhecer que, para pessoas diferentes em culturas diferentes e circunstâncias diversas, será preciso mais coragem para pertencer do que para ser como um indivíduo - e vice-versa.

É claro que não é preciso ser psicanalista ou existencialista para incorporar ou escrever sobre coragem e/ou pertencer. Tendo lançado algumas bases sobre o ser e a coragem, recorro agora a uma Análise Transacional da coragem destinada a encorajar tanto o ser como o pertencer.

Uma Análise Transacional da coragem

Não há referências à coragem no trabalho de Berne, e muito pouco no de outros analistas transacionais. Em seu livro *Nascido para vencer*, James e Jongeward (1971) discutem a coragem, afirmando isso:

É preciso coragem para experimentar a liberdade que vem com autonomia; coragem para aceitar a intimidade e encontrar diretamente outras pessoas; coragem para tomar posição em uma causa impopular; coragem para escolher a autenticidade em vez da aprovação, e para escolhê-la de novo e de novo; coragem para aceitar a responsabilidade por suas próprias escolhas, e, de fato, coragem para ser a pessoa muito única que você realmente é. (p. 263)

Outros, escrevendo sobre assumir riscos na terapia e supervisão, referiram brevemente o papel da coragem no processo de mudança: Landaiche (2009), Campos (2010), Boyd e Shadboldt (2011), e Eusden (2011); e Papaux (2016) observa que "A contabilização da vulnerabilidade exige coragem para ser imperfeita." (p. 336)

Uma notável exceção a essa lacuna na literatura é Leonard Campos que, em 2012, escreveu um excelente artigo sobre "Cultivando culturas de coragem com Análise Transacional" que focaliza o nível cultural da mudança. Em seu artigo, Campos discute culturas autoritárias



REBAT

Revista Brasileira de Análise Transacional

+55 41 99551-5962

cientifica@unat.org.br

www.unat.org.br

@unatbrasil



ANO XXXI 2022

CONTRIBUIÇÃO INTERNACIONAL

como derivadas de estruturas familiares restritivas e vinculadas a *Scripts*; e, com base em sua própria experiência de grupos de Redecisão (tanto como cliente quanto como terapeuta), compara essas culturas e estruturas com aquelas que podem ser geradas em grupos terapêuticos que, assim, "podem servir de modelo para como as culturas igualitárias modernas podem permitir uma mudança social positiva". "(Campos, 2012, p. 209) Importante para o nosso interesse atual, Campos sugere que "o coração da Análise Transacional está em ajudar as pessoas a desenvolver a coragem de arriscar uma mudança positiva, não apenas no nível individual, mas também no nível cultural coletivo". (p. 209)

Concordo com Campos e aqui, inspirado pelo seu trabalho, o tema desta conferência, e pelo que vejo como uma certa lacuna na literatura, ofereço uma Análise Transacional de coragem ao considerar esta virtude em termos dos quatro pilares fundamentais da teoria da AT, ou seja, Transações, Estados de Ego, *Scripts* e Jogos Psicológicos. Não será uma surpresa que eu considere esses pilares fundamentais da teoria sob uma perspectiva Co-criativa (Summers & Tudor, 2000; Tudor & Summers, 2014), ou seja, uma que reconhece a psicologia da saúde ao lado da psicopatologia.

Ter conversas corajosas (Transações)

Começando com a transação inicial de procurar terapia (aqui estou focando nos campos de psicoterapia e aconselhamento), acho que é preciso coragem para que um cliente chegue à terapia. Eu sei que, no início dos anos 80, desde a contemplação de se ver um terapeuta até a sua consulta, levei cerca de seis meses. Eu precisava, para citar Shakespeare (1606/1997), de "aperte a [minha] coragem até o limite" (*Macbeth*, I(7), l. 540). No meu caso, o meu "limite" ficou no telefone o tempo suficiente para um terapeuta atender! Brincadeira à parte, esta anedota fala das Transações internas que nos ajudam e/ou impedem de reconhecer coisas sobre nós próprios, incluindo a necessidade de procurar e obter ajuda. Em uso os termos "ajudar" e "dificultar" em uma referência consciente à "análise de campo de força" de Lewin (1943, 1952), sendo o campo ou espaço de vida um ambiente psicológico gestual existente na mente do indivíduo e/ou do grupo do qual ele faz parte. Pergunto-me quantos de nós reconhecem a coragem do cliente para chegar à terapia, e especificamente no contexto do seu campo? É talvez mais habitual - tanto para clientes como para terapeutas - falar sobre o que os clientes podem querer da terapia em termos de fazer mudanças, querer conhecer-se melhor, trabalhar através de algo, mudar algo, e/ou tomar uma decisão etc. É talvez menos comum - novamente, para ambas as partes - reconhecer a coragem necessária para chegar à terapia e reconhecer o que o cliente pode ter que desistir ao fazer isso. Sugiro que haja o Reconhecimento do terapeuta, de fato, oferecendo Carícias, e assim ambos desafiam a economia negativa do cliente (Steiner, 1971), e abrem uma conversa sobre sua



REBAT

Revista Brasileira de Análise Transacional

+55 41 99551-5962

cientifica@unat.org.br

www.unat.org.br

@unatbrasil

ANO XXXI 2022

CONTRIBUIÇÃO INTERNACIONAL

coragem - e seu medo e confiança. A visão do cliente corajoso também sustenta o livro pioneiro sobre a terapia orientada para o cliente e informada sobre os resultados, *The Heroic Client* (Duncan et al., 2000).

No que diz respeito às Transações corajosas em AT, penso em três peças específicas de teoria e prática de AT.

1. Comunicação aberta

A primeira é a ideia de Berne de comunicação aberta, que foi incorporada na sua abordagem como psiquiatra quando aboliu a prática de ter observadores escondidos atrás de um espelho de sentido único (ver Callaghan em Levaggi et al. , 1971); e introduziu conferências de grupo-paciente em que, após a sua observação de uma sessão de terapia de grupo de psicoterapia, o pessoal que tinha sentado calmamente fora do grupo para a sessão, formou então um grupo interno para discutir a sessão que tinha acabado de observar - na frente dos pacientes/clientes (ver Berne, 1968b). Citando estes exemplos, Stewart (1992) refere-se à comunicação aberta como "uma *condição sine qua non* da relação terapêutica". "(p. 78) Concordo com Stewart que isto é fundamental para a Análise Transacional, embora eu pense que tal comunicação é vista mais como um princípio, pressuposto básico ou filosofia da AT, do que como um método. No entanto, a comunicação aberta requer que o analista transacional tenha a coragem de abrir mão do poder da comunicação fechada e, assim, compartilhar o poder com o cliente (individual ou grupo), estudante, e assim por diante.

2. Confrontação

Esta é uma das oito Operações Terapêuticas de Berne (1963) que ele define como usando "informação previamente eliciada e especificada, a fim de desconcertar o Pai, a Criança ou o Adulto contaminado do paciente, apontando uma inconsistência". " (p. 235). É utilizada para desequilibrar a psique de modo a "causar uma redistribuição da Catexia" (p. 235), e, assim, um fortalecimento do Adulto. Em termos de Operações Terapêuticas de Berne, o Confronto, juntamente com a Explicação e Ilustração, precede a Interpretação. É uma intervenção poderosa e, como tal, tem sido objeto de algum debate no núcleo da AT (ver Cornell, 2013; Erskine, 2013). Enquanto é preciso coragem para Confrontar - com cuidado (Lankford, 2004) - eu sugiro que é preciso tanto ou mais coragem *para ser confrontado*. Estar desconcertado, ter algo apontado e ter sua energia redistribuída é desconfortável e requer resiliência adulta para sobreviver e aprender com ela.



REBAT

Revista Brasileira de Análise Transacional

+55 41 99551-5962

cientifica@unat.org.br

www.unat.org.br

@unatbrasil

ANO XXXI 2022

CONTRIBUIÇÃO INTERNACIONAL

3. Contratos cooperativos

Este conceito vem da tradição psiquiátrica radical e se reflete no slogan "Sem mentiras, sem Salvação, sem Jogos de Poder" (com algumas variações) (Steiner, 1974a, 1975a, 1980, 2020a; Wyckoff, 1977). Como disse Steiner (1981), o contrato cooperativo:

define especificamente uma relação na qual todos têm direitos iguais e que é livre de (1) jogos de poder, (2) mentiras e segredos, e (3) salvagens ... Ao não usar jogos de poder queremos dizer que não coagimos os outros a fazer o que de outra forma não fariam. (p. 731)

O propósito de tal Contrato era fomentar relações de cooperação - tanto na vida pessoal e social como na terapia - e fazia parte do projeto psicopolítico de psiquiatras e terapeutas radicais de recuperação de relações alienadas. Também sustenta a prática da Alfabetização Emocional (Steiner, 1984) (que parece ter saído de moda na AT contemporânea). Embora seja necessária alguma coragem para "assinar" tal Contrato, a sua prática fomenta coragem e confiança, Transação por Transação, razão pela qual o trabalho em grupo é tão central para a Análise Transacional (propriamente dita), ou seja, a Análise das Transações.

Ser corajoso I - em termos de personalidade (estados do ego)

Se, seguindo Platão e Aristóteles, pensamos na coragem como uma virtude, e/ou, seguindo Tillich, como uma ética, então é uma virtude, ética ou aspecto do indivíduo. Como, na AT, nosso modelo raiz e a metáfora para o indivíduo ou pessoa é o modelo do Estado de Ego da personalidade, surge então a questão: de onde - e daí - a coragem? Usando o modelo do Estado de Ego de saúde, a coragem pode ser vista como um aspecto do Adulto Integrante (Tudor, 2003), e uma perda ou falta de coragem ou os momentos em que perdemos a confiança e cedemos ao medo, como aspectos do Pai Introjetado e/ou da Criança Arcaica. Em qualquer caso, sugiro que o movimento entre medo e confiança possa ser usualmente pensado em termos da teoria original da patologia de Berne (1961), ou seja, a Contaminação, a Simbiose e a Exclusão.

1. Contaminação e Descontaminação

Campos (2012) faz bem este ponto:

Um pré-requisito para fomentar esta coragem é o nosso trabalho de descontaminação do pensamento para que o cliente, ao assumir um risco calculado de mudança, esteja plenamente consciente e responsável pelas consequências benéficas e/ou prejudiciais. Com um adulto fortalecido, ele ou ela faz uma escolha autônoma para aceitar a responsabilidade por essas consequências. (p. 212)



REBAT

Revista Brasileira de Análise Transacional

+55 41 99551-5962

cientifica@unat.org.br

www.unat.org.br

@unatbrasil

ANO XXXI 2022

CONTRIBUIÇÃO INTERNACIONAL

Em seu trabalho e escrita, Campos faz referências consistentes à Proteção (por exemplo, Campos, 1988) e, em seu artigo sobre coragem, relaciona isso à responsabilidade ética do terapeuta em proteger o cliente. Assim, em termos de fomentar a coragem - ou, mais precisamente, a confiança, esta não é a abordagem de sentir o medo e fazê-lo de qualquer forma, como proposto e popularizado por Jeffers (1987); é a de Descontaminar o Adulto - e de retirar a confusão da Criança (e do Pai) para que o cliente tome a decisão sobre o risco e as consequências de sua ação proposta.

2. Simbiose e Exclusão

Abordo-os em conjunto, pois, na teoria clássica da AT, a Simbiose envolve a exclusão de um ou mais Estados do Ego. A Simbiose é um conceito útil na compreensão tanto do medo avassalador como incapacitante, como resultado do qual buscamos a fusão com outro para segurança e proteção; e a confiança arrogante que incapacita os outros e pela qual buscamos a fusão com e de outros para apoiar nosso ego (ver Tabela 2).

Tabela 2. Uma análise do Estado do Ego dos Compulsões do Contrascript como excesso ou deficiência de coragem

<i>Excesso</i>	<i>Virtude</i>	<i>Deficiência</i>
Coragem		
Confiança		Medo
Pai Introjetado, e/ou Criança Arcaica	Adulto Integrante	Criança Arcaica e/ou Pai Introjetado

Fonte: o autor


Isto não quer dizer que a confiança e o medo não possam ser qualidades de um Adulto Integrante; isto, claro, depende de um diagnóstico completo do Estado do Ego (Berne, 1961), incluindo, o mais importante, a autoanálise do cliente (os diagnósticos fenomenológicos e históricos). Em meu discurso anterior à UNAT (Tudor, 2019), quando estava apresentando minhas idéias sobre o Adulto Integrante, com coração e o cérebro, e, tocado pelo calor de sua acolhida e pelo movimento e cuidado que vi em suas interações e, mais amplamente, o que vi da cultura brasileira, eu me referia, brincando, ao "Adulto Integrante brasileiro que tudo canta, tudo dança"! O ponto sério aqui é que o Adulto Integrante é uma metáfora para todos aqueles sentimentos, hábitos, padrões de comportamento - e qualidades - que são apropriados e, como Berne (1961/1975) colocou, "adaptados à realidade atual" (p. 76). Assim, voltando à etimologia da palavra coragem, sugiro que temperamento, espírito e espiritualidade (de Platão), e o zelo descrevem todos os traços do Adulto Integrante corajoso e apaixonado; que o aspecto da coragem como qualidade de mente sustenta o Adulto




REBAT

Revista Brasileira de Análise Transacional

+55 41 99551-5962 

cientifica@unat.org.br 

www.unat.org.br 

@unatbrasil 

ANO XXXI 2022

CONTRIBUIÇÃO INTERNACIONAL

Integrante crítico e de pensamento livre; e que tal valor representa o Adulto Integrante corajoso que também engloba o medo no Adulto.

Um exemplo pontual disto com que lido na minha prática e comunidades profissionais (escrevendo agora, em Setembro e Outubro de 2021, no contexto da pandemia do coronavírus) é a resposta(s) dos terapeutas às políticas e legislação governamental no que diz respeito à vacinação. Quaisquer que sejam as opiniões das pessoas sobre a natureza do vírus e a ciência; as respostas dos serviços e sistemas de saúde; a intervenção governamental; a eficácia do mascaramento e da vacinação, etc. : tudo isto levanta questões significativas - e, sugiro, debates a realizar - no que diz respeito ao quadro terapêutico e ao espaço, e ao papel do terapeuta. Ao mesmo tempo, à medida que o espaço intelectual para estes debates diminui, estou consciente de um medo crescente das consequências de se levantar e falar. Gerir isto a nível intrapsíquico é o trabalho do Adulto Integrante em diálogo tanto com o meu Pai Introjetado como com o meu Estado de Ego Criança Arcaica.

Ser corajoso II - em termos de identidade (*Scripts*)

Em seu artigo, Campos reconhece que os clientes precisam de coragem para combater fortes Injunções sociais, por exemplo, mensagens anti-gay que são internalizadas como "Não seja" e até mesmo "Não exista". Isto também se aplica a um nível subcultural. Campos oferece um exemplo disso a partir de sua própria experiência de trabalho com delinquentes juvenis que estão vivendo um *Script* - e um Jogo Psicológico - "Fora-da-lei" e precisam de muita coragem para resistir à pressão dos colegas para corresponder a esse *Script* e Antiscript, justamente por causa de sua injunção "Não Pertença" internalizada (veja também Campos, 2010). Campos (2012) lista formas de coragem como antídotos para as injunções, como originalmente identificadas por Bob e Mary Goulding (1978), o que inclui, portanto:

- Não seja - e a coragem de ser, e
- Não pertencer - e a coragem de pertencer.

Em sua autobiografia, Steiner considerou ser um fora-da-lei, um papel no qual, em um determinado momento de sua vida, ele gostava de representar:

Eu gostava de atuar como um fora-da-lei; a certa altura, cheguei a sentir que, como homem branco privilegiado, tinha a obrigação de quebrar leis irracionais. Escrevi um artigo para *Issues in Radical Therapy* "We are all outlaws" [Steiner, 1974] no qual eu atuei como um comportamento sexual fora-da-lei como uma forma de rebelião legítima contra a opressão estabelecida de nossa humanidade. (Steiner, 2020b, p. 115)



REBAT

Revista Brasileira de Análise Transacional

+55 41 99551-5962

cientifica@unat.org.br

www.unat.org.br

@unatbrasil

ANO XXXI 2022

CONTRIBUIÇÃO INTERNACIONAL

No entanto, ele também teve a autoconsciência e a boa vontade de reconhecer: "equiparar-me de alguma forma à experiência da criminalidade grave foi simplesmente estúpido, não importa o quão intelectualmente apelativo possa ter sido." (p. 115) Naturalmente, uma análise do *Script* e um diagnóstico completo do Estado do Ego (Berne, 1961) determinariam se o comportamento "fora-da-lei" específico é Adulto ou não; como Bob Dylan (1966) colocou: "Para viver fora da lei você deve ser honesto". "Isto é particularmente relevante e útil quando se trabalha com clientes que são ou que são vistos como rebeldes, para os quais, juntamente com o conceito de uma Criança rebelde (Ernst & Collins, 1963), é útil ter o conceito, análise e compreensão do Adulto rebelde (Tudor, 2003).

Pensar em *Scripts* como recursos valiosos (English, 1977); como auto-definidores mas nem sempre auto-limitadores (Cornell, 1988); como representando múltiplas histórias (Allen & Allen, 1995); e como co-criados e co-criativos (Summer & Tudor, 2000): Estou interessado nas histórias que temos e guardamos sobre coragem, confiança e medo. Eu mesmo cresci com uma série de histórias de coragem:

- De Robin Hood, um herói local semimítico do século XII e fora-da-lei das Terras Médias da Inglaterra, que se levantou contra a injustiça social, roubando dos ricos e dando aos pobres.
- De figuras bíblicas que demonstraram coragem, inclusive: Moisés (para enfrentar o passado), David (para enfrentar situações impossíveis), Ester (para correr riscos), e Daniel (para não ceder), entre outros.
- De (então) figuras contemporâneas que meus pais admiraram, notadamente Paul Robeson (1898-1976), o cantor afro-americano e ativista dos direitos civis.

À medida que fui crescendo, também ouvi mais sobre o meu pai ter sido um consciente contestador durante a segunda guerra mundial (embora ele próprio fosse bastante reticente em falar muito sobre isso). Sua postura tem me inspirado ao longo dos anos, tanto consciente como inconscientemente, em estar confiante para me manter firme em uma discussão; quando necessário, para fazer frente à autoridade; e, às vezes, para estar com os outros (por poucos que sejam) diante da ignorância, do preconceito, das jogadas de poder, da opressão e da injustiça. No entanto, apesar de uma forte e positiva influência/definição do *Script* a este respeito, quando eu me mantenho firme, etc. Muitas vezes me sinto ansioso e medroso - e é por isso que acho tão útil a visão de Aristóteles sobre a virtude do medo.



REBAT

Revista Brasileira de Análise Transacional

+55 41 99551-5962

cientifica@unat.org.br

www.unat.org.br

@unatbrasil

ANO XXXI 2022

CONTRIBUIÇÃO INTERNACIONAL

Confirmar a coragem (Jogos Psicológicos)

Em nosso artigo original, Graeme Summers e eu oferecemos uma tradução do termo "Jogos" ou "Jogos Psicológicos" (Berne, 1964/1968a) como "Confirmações Cocriativas" (Summers & Tudor, 2000). Assim, em relação ao nosso interesse atual, a questão aqui é, como são necessários dois (ou mais) para jogar um Jogo, que Jogos nós jogamos que confirmam a nossa confiança e/ou o nosso medo. Eu acho o conceito de Confirmação útil em reivindicar um *Script* saudável que suporte Transações corajosas.

Um exemplo disso, novamente no contexto da atual pandemia, é a medida em que grupos, incluindo governos, especialistas e órgãos profissionais, estão jogando um Jogo ou uma série de Jogos. No seu livro *Scripts People Live*, Steiner (1974) introduziu os aspectos de poder das relações na AT, uma vez que, anteriormente, tinham sido ignorados e considerados "de importância insuficiente para serem sistematicamente mencionados". (p. 212) Ele descreveu o poder como "a capacidade de fazer com que as pessoas façam coisas", fazendo notar que "ele é distribuído desigualmente entre as pessoas para que algumas tenham mais e outras menos" (p. 212); e definiu um Jogo de Poder como "uma Transação pela qual uma pessoa obtém de outra pessoa algo que ela quer contra a vontade dessa outra pessoa". (p. 160) Assim, juntamente com uma análise do Estado do Ego (ver seção anterior acima), pode ser útil ver e compreender a linguagem, bem como algumas intervenções e políticas no que diz respeito à pandemia, como os Jogos de Poder, com vantagens e desvantagens biológicas, existenciais, psicológicas e sociais (Berne, 1964/1968a). Tal análise, sugiro, seria útil para ambos (ou todos) os lados dos debates para evitar Jogos como "Eles não são terríveis?", "Encurralado", "Tribunal", "Crítica", e "Se não fosse por ele/eles", entre outros; para manter Transações Adulto-Adulto e comunicação aberta sobre este problema perverso e as questões complexas que ele coloca.


Uma maneira de pensar sobre isso, com base em outra teoria de AT relacionada, é a dos Comportamentos Passivos, ou seja, Não fazer nada, Sobreadaptação, Agitação e Incapacitação (ver Schiff et al., 1975; Woollams & Brown 1978). Em outro texto (Tudor, 2021a), sugeri uma taxonomia equivalente de Comportamentos Ativos que eu penso que trabalham para desenvolver a coragem de ser e pertencer:


1. Fazer algo - no qual a energia psíquica é utilizada para integrar respostas e pensamentos, neste caso, na ponderação dos riscos e consequências de uma ação proposta que pode exigir coragem.




REBAT

Revista Brasileira de Análise Transacional

+55 41 99551-5962 

cientifica@unat.org.br 

www.unat.org.br 

@unatbrasil 

ANO XXXI 2022

CONTRIBUIÇÃO INTERNACIONAL

2. Resposta - fazer uma resposta apropriada ao estímulo aqui e agora e tomar as medidas apropriadas, no Adulto Integrante.
3. Agitação - usar a energia em atividades intencionais, orientadas a objetivos, geralmente e de preferência com outros, baseadas no pensamento crítico do Adulto, por exemplo, no contexto da atual pandemia, no processamento de toda a informação que estamos recebendo de cientistas, especialistas em saúde e governos, a fim de tomar decisões informadas e, portanto, para dar consentimento informado ao tratamento.
4. Protesto – agir e, geralmente e, novamente, de preferência com outros, com base na aceitação de responsabilidade apropriada, que muitas vezes envolve a mudança de uma Vítima ou de um papel de espectador. Na AT, vejo isso na longa história dentro da ITAA, de um interesse no mundo social e em assumir responsabilidade social (para uma revisão disto, ver Tudor, 2020b)

Conclusão


Nasci em Leamington Spa, uma cidade no meio da Inglaterra, no condado de Warwickshire, a menos de 13 milhas de Stratford-upon-Avon (onde vivia Shakespeare) e a menos de 100 milhas de Sherwood Forest (onde vivia Robin Hood). Fui criado por pais que adoravam as obras de Shakespeare e passaram isso para as crianças. De vez em quando, eu revivo meu amor e estudo da obra de Shakespeare, especialmente suas peças (veja, por exemplo, Tudor, 2021c), e tenho feito isso com relação a este discurso. Portanto, parece apropriado terminar com uma citação de Henrique V de Shakespeare: "... é verdade que estamos em grande perigo. | Quanto maior, portanto, deve ser a nossa coragem. " (Shakespeare, 1599/1992, IV(1), ll. 1-2)


Seja este perigo físico, como foi o enfrentado por Henrique V (e, eu diria, por todos nós no contexto da atual pandemia); seja ôntico, moral e espiritual, como sugerido por Tillich; ou cultural, como discutido por Campos; ou psicológico e Transacional, como tenho focado neste discurso: precisamos do coração para ter coração ou coragem para ser - o que envolve ser capaz de contemplar o não ser - e o pertencer. Obrigado.




REBAT

Revista Brasileira de Análise Transacional

+55 41 99551-5962 

cientifica@unat.org.br 

www.unat.org.br 

@unatbrasil 

ANO XXXI 2022

CONTRIBUIÇÃO INTERNACIONAL

Referências

- Angyal, A. (1941). *Foundations for a science of personality*. Commonwealth Fund.
- Aristotle. (2004). *The Nicomachean ethics* (Rev. Ed.; J. A. K. Thomson, Ed.; H. Tredennick, Trans.). Penguin Books. (Original work written 322 BCE)
- Berne, E. (1962). The classifications of positions. *Transactional Analysis Bulletin*, 1(3), 23.
- Berne, E. (1963). *The structure and dynamics of organizations and groups*. Grove Press.
- Berne, E. (1966). *Principles of group treatment*. New York: Grove Press.
- Berne, E. (1968a). *Games people play: The psychology of human relationships*. Penguin (Original work published 1964)
- Berne, E. (1968b). Staff–patient staff conferences. *American Journal of Psychiatry*, 125(3), 286–293.
- Berne, E. (1971). Away from a theory of the impact of interpersonal interaction on non-verbal participation. *Transactional Analysis Journal*, 1(1), 6-13.
- Berne, E. (1975). *Transactional analysis in psychotherapy*. Grove Press. (Original work published 1961)
- Bolgon, H. (1954). *The Courage to be*. By Paul Tillich Yale University Press, 1952 197 pp. \$3.. Am. J. Psychoanal., 14(1):127-129
- Boyd, S., & Shadboldt, C. (2011). Reflections on a theme of relational supervision. In H. Fowlie & C. Sills (Eds.), *Relational transactional analysis: Principles in practice* (pp. 279-286). Karnac.
- Campos, L. (2010). Beyond script destiny: Chance and circumstance in the life course. *Transactional Analysis Journal*, 40, 278-287.
- Campos, L. P. (2012). Cultivating cultures of courage with transactional analysis. *Transactional Analysis Journal*, 42(3), 209-219.
- Clarkson, P. (1992). In praise of speed, experimentation, agreeableness, endurance, and excellence: Counterscript drivers and aspiration. *Transactional Analysis Journal*, 22(1), 16-20.
- Cornell, W. F. (1988). Life script theory: A critical review from a developmental perspective. *Transactional Analysis Journal*, 18, 270–282.
- Cornell, W. F. (2013). Relational group process. *Transactional Analysis Journal*, 43(4), 276-283.
- Crossman, P. (1966). Permission and protection. *Transactional Analysis Bulletin*, 5(19), 152–154.
- Duncan, B. L, Miller, S. D., & Sparks, J. A. (2004). *The heroic client: A revolutionary way to improve effectiveness through client-directed, outcome-informed therapy*. Jossey-Bass.



REBAT

Revista Brasileira de Análise Transaccional

+55 41 99551-5962

cientifica@unat.org.br

www.unat.org.br

@unatbrasil

ANO XXXI 2022


CONTRIBUIÇÃO INTERNACIONAL


- Dylan, B. (1966). Absolutley sweet Marie. On *Blonde on blonde* [Album]. Columbia Records.
- Ernst, F. H., & Collins, W. J. (1963). Transactional analysis in correctional work. *Transactional Analysis Bulletin*, 2(8), 96-97.
- Erskine, R. G. (2013). Relational group process. *Transactional Analysis Journal*, 43(4), 262-275.
- Eusden, S. (2011). Relational TA and ethics – Minding the gap. In H. Fowlie & C. Sills (Eds.), *Relational transactional analysis: Principles in practice* (pp. 269-278). Karnac.
- Federn, P. (1952). *Ego psychology and the psychoses* (E. Weiss, Ed.). Basic Books.
- Glover, E. (1955). *The technique of psychoanalysis* (Rev. Ed.). Baillière, Tindall & Cox.
- Hartmann, H. (1958). *Ego psychology and the problem of adaptation*. Imago. (Original work published 1939)
- James, M., & Jongeward, D. (1971). *Born to win: Transactional analysis with gestalt experiments*. Addison-Wesley.
- Jeffers, S. (1987). *Feel the fear and do it anyway*. Ballantine Books.
- Kahler, T., & Capers, H. (1974). The miniscript. *Transactional Analysis Journal*, 4(1), 26-42.
- Kirschenbaum, H., & Henderson, V. L. (1990). *Carl Rogers dialogues*. Constable.
- Künkel, F. (1984). *Fritz Kunkel: Selected writings* (J. A. Sanford, Ed.). Paulist Press.
- Landaiche III, N. M. (2009). Understanding social pain dynamics in human relations. *Transactional Analysis Journal*, 39, 229-238.
- Lankford, V. (2004). Face-to-face with caring confrontation. *Transactional Analysis Journal*, 34(1), 69-74.
- Lewin, K. (1943). Defining the "Field at a Given Time". *Psychological Review*, 50(3), 292-310.
- Levaggi, J. A., Callaghan, V. L., & Berger, C. (1971). A living euhemerus never dies. *Transactional Analysis Journal*, 1(1), 64-70.
- Online Etymology Dictionary. (2021). <https://www.etymonline.com/>
- Papaux, E. (2016). The role of vulnerability in supervision. *Transactional Analysis Journal*, 46(4), 331-342.
- Plato. (1972). *The phaedrus* (R. Hackforth, Trans. & Ed.). Cambridge University Press. (Original work published 370 BCE)
- Schiff, J. L., Schiff, A. W., Mellor, K., Schiff, E., Schiff, S., Richman, D., Fishman, J., Wolz, L., Fishman, C., & Momb, D. (1975). *Cathexis reader: Transactional analysis treatment of psychosis*. Harper & Row.
- Shakespeare, W. (1985). *Hamlet, Prince of Denmark* (P. Edwards, Ed.). Cambridge University Press. (Original work published 1602)
- Shakespeare, W. (1992). *Henry V* (A Gurr, Ed.). Cambridge University Press (Original work published 1598)




REBAT

Revista Brasileira de Análise Transacional

+55 41 99551-5962 

cientifica@unat.org.br 

www.unat.org.br 

@unatbrasil 

ANO XXXI 2022


CONTRIBUIÇÃO INTERNACIONAL


- Shakespeare, W. (2008). *Macbeth* (IA. R. Braunmuller, Ed.). Cambridge University Press. (Original work published 1606)
- Stankov, L., Kleitman, S., & Jackson, S. A. (2015). Measures of the trait of confidence. In G. J. Boyle, D. H. Saklofske, & G. Matthews (Eds.), *Measures of personality and social psychological constructs* (pp. 158-189). Academic Press.
- Steiner, C. M. (1968). Transactional analysis as a treatment philosophy. *Transactional Analysis Bulletin*, 7(27), 61–64.
- Steiner, C. M. (1971). The stroke economy. *Transactional Analysis Journal*, 1(3), 9–15.
- Steiner, C. M. (1974). *Scripts people live: Transactional analysis of life scripts*. Grove Press.
- Steiner, C. M. (1975). Contractual problem-solving groups. In C. M. Steiner (Ed.), *Readings in radical psychiatry* (pp. 73–79). Grove Press.
- Steiner, C. M. (1980). *A manual on cooperation*. Issues in Cooperation and Power.
- Steiner, C. M. (1981). Radical psychiatry. In R. J. Corsini (Ed.), *Handbook of innovative psychotherapies* (pp. 724–735). Wiley.
- Steiner, C. M. (1984). Emotional literacy. *Transactional Analysis Journal*, 14(3), 162–173.
- Steiner, C. M. (2020a). Confessions of a psychomechanic – Excerpts on power. In K. Tudor (Ed.), *Emotional activist: The work and life of Claude Michel Steiner* (pp. 147-154). Routledge.
- Steiner, C. M. (2020b). Confessions of a psychomechanic – Excerpts on radical psychiatry. In K. Tudor (Ed.), *Emotional activist: The work and life of Claude Michel Steiner* (pp. 105-115). Routledge.
- Stern, D. N. (1998). *The interpersonal world of the infant: A view from psychoanalysis and developmental psychology* (Rev. Ed.). Basic Books.
- Stewart, I. (1992). *Eric Berne*. Sage.
- Summers, G., & Tudor, K. (2000). Co-creative transactional analysis. *Transactional Analysis Journal*, 30(1): 23–40.
- Tillich, P. (1952). *The courage to be*. Collins.
- Tillich, P. (1957). *Dynamics of faith*. Harper & Row.
- Tillich, P., & Rogers, C. (1966). *Paul Tillich and Carl Rogers: A dialogue* [Pamphlet]. San Diego State College.
- Tudor, K. (2003). The neopsyche: The integrating Adult ego state. In C. Sills & H. Hargaden (Eds.), *Ego states* (pp. 201–231). Worth Reading.
- Tudor, K. (2007). [Geestelijk gezond; autonoom én homonoom](#) [Psychological health: Autonomy and homonomy]. *Tijdschrift Cliëntgerichte Psychotherapie*, 45(1), 5–18
- Tudor, K. (2008a). Psychological health: Autonomy and homonomy. In B. Levitt (Ed.), *Reflections on human potential: Bridging the person-centered approach and positive psychology* (pp. 161–174). PCCS Books.




REBAT

Revista Brasileira de Análise Transacional

+55 41 99551-5962 

cientifica@unat.org.br 

www.unat.org.br 

@unatbrasil 

ANO XXXI 2022

CONTRIBUIÇÃO INTERNACIONAL

- Tudor, K. (2008b). "Take It": A sixth driver. *Transactional Analysis Journal*, 38(1), 43-57.
- Tudor, K. (2016a). Permission, protection, and potency: The three Ps reconsidered. *Transactional Analysis Journal*, 46(1), 50-62.
- Tudor, K. (2016b). "We are": The fundamental life position. *Transactional Analysis Journal*, 46(2), 164-176.
- Tudor, K. (2019, 26th September). *Connections from the brain to the heart: Implications for transactional analysis*. Keynote speech at the 27th Conference of the União Nacional dos Analistas Transacionais | the National Association of Transactional Analysts, Uberlandia, Brazil.
- Tudor, K. (2020a). Conexões entre o cérebro e o coração, e análise transacional [*Connections between the brain and the heart, and transactional analysis*]. *Revista Brasileira de Análise Transacional*, 29, 82-103.
- Tudor, K. (2020b). Transactional analysis and politics: A critical review. Transactional analysis and politics [Special issue]. *Psychotherapy and Politics International*, 18(3).
- Tudor, K. (2021a). Changing the world one theory at a time. In *20/20 Vision, 2020* [E-book] (pp. 36-54). Tuwhera Open Access Books. <https://ojs.aut.ac.nz/tuwhera-open-monographs/catalog/book/6>
- Tudor, K. (2021b). Homonomy. A talk and paper given to the General Meeting of De Nederlandse Vereniging voor Transactionele Analyse (The Transactional Analysis Association of The Netherlands).
- Tudor, K. (2021c). Shakespeare – the plague – Eyam – COVID-19 – Shakespeare. In *20/20 Vision, 2020* [E-book] (pp. 77-87). Tuwhera Open Access Books. <https://ojs.aut.ac.nz/tuwhera-open-monographs/catalog/book/6>
- Tudor, K., & Summers, G. (2014). *Co-creative transactional analysis: Papers, dialogues, responses, and developments*. Karnac Books.
- União Nacional dos Analistas Transacionais. Conference Organising Committee. (2021). The courage to be who you are. <https://unat.org.br/conbrat2021/programacao.php>
- Weiss, E. (1950). *Principles of psychodynamics*. Grune & Stratton.
- Winnicott, D. W. (1957). Further thoughts on babies as persons. In D. W. Winnicott, *The child and the outside world: Studies in developing relationships* (J. Hardenberg, Ed.) (pp. 134-140). London, England: Tavistock. (Original work published 1947)
- Winnicott, D. W. (1965). The theory of the parent-infant relationship. In D. W. Winnicott, *The maturational processes and the facilitating environment* (pp. 37-55). New York, NY: International Universities Press. (Original work published 1960)
- Woollams & Brown
- Wyckoff, H. (1977). *Solving women's problems: Through awareness, action and contact*. New York, NY: Grove Press.
- Obs: diagramação revisada em 14/12/2022